

## NOTA DOS EDITORES

Lénine escreveu o livro *Materialismo e Empiriocriticismo* num período da história da Rússia em que a autocracia tsarista, depois de ter esmagado a revolução de 1905-1907, estabeleceu no país um terror policial feroz, em que a reacção se desencadeou em todos os campos da vida social. «Abatimento, desmoralização, cisões, divergências, renegação, pornografia em vez de política. Reforço da tendência para o idealismo filosófico; misticismo como disfarce de um estado de espírito contra-revolucionário» – é assim que Lénine caracteriza a situação no país depois da derrota da primeira revolução russa. (A *Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*, in *Obras Escolhidas* de V. I. Lénine, t. 3, p. 283.) A justificação ideológica da contra-revolução e o ressurgimento da mística religiosa imprimiram a sua marca na ciência, na literatura e na arte. Na filosofia dominavam as formas mais reaccionárias de idealismo, que negavam ser o desenvolvimento da natureza e da sociedade regido por leis, bem como a possibilidade de conhecer aquelas. As forças contra-revolucionárias faziam todo o possível para caluniar a classe operária e o seu partido, para minar as bases teóricas do marxismo. Nestas condições, a defesa da filosofia marxista impôs-se como tarefa importantíssima e inadiável.

A reacção que se desencadeou na Rússia não era um fenómeno «puramente russo». Na época imperialista, a burguesia de todos os países passava bruscamente, como escrevia Lénine, da democracia à «reacção em toda a linha» – na economia, na política, na filosofia. Em fins do século XIX e começos do século XX, difundiu-se na Europa a chamada filosofia da «experiência crítica» – o empiriocriticismo ou machismo<sup>(\*)</sup>. Surgindo como uma das variedades do positivismo, ela pretendia ser a «única filosofia científica», que pretensamente conseguia superar a unilateralidade tanto do materialismo como do idealismo; na realidade esta forma encobria uma essência idealista subjectiva e reaccionária. Uma série de sociais-democratas, que se consideravam «discípulos de Marx», viram no machismo a «última palavra da ciência», destinada a «substituir» a filosofia materialista dialéctica do marxismo.

Na Rússia, ao lado de inimigos abertos do proletariado e do seu partido (V. V. Lessévitch, V. M. Tchernov e outros), o machismo era pregado por um grupo de intelectuais sociais-democratas: N. Valentínov, P. S. Iuchkévitch, A. Bogdánov, V. Bazárov, A. V. Lunatchárski e outros. Aos marxistas consequentes impôs-se a importantíssima tarefa de mostrar a essência reaccionária do machismo, defender o marxismo, esclarecer as questões fundamentais do materialismo dialéctico e dar uma

---

(\*) *Machismo*: do nome do físico e filósofo austríaco Ernst Mach. (N. Ed. )

explicação materialista dialéctica das novas descobertas das ciências naturais. Estas tarefas foram cumpridas por Lênine no seu livro *Materialismo e Empirio criticismo*.

Diferentemente da época de K. Marx e de F. Engels, em que em primeiro plano se colocava a tarefa de desenvolver e defender a concepção materialista da história e a dialéctica materialista, na charneira dos séculos XIX e XX adquiriu uma importância decisiva na luta contra o idealismo filosófico a defesa e desenvolvimento do materialismo filosófico marxista e da teoria materialista dialéctica do conhecimento. Os filósofos reaccionários procuravam demonstrar teoricamente a impossibilidade de conhecer a realidade objectiva, afirmavam que o conceito de matéria «era obsoleto», reduziam a tarefa da ciência à «análise das sensações», etc. Os machistas<sup>(\*\*)</sup> tentavam apoiar esta filosofia idealista, hostil à ciência, com as mais modernas descobertas das ciências da natureza e apresentá-la como a última palavra da ciência. Lênine demonstrou a inconsistência destas tentativas, que significavam, no fundo, o ressurgimento das concepções idealistas subjectivas de Berkeley e Hume.

Em luta contra a filosofia idealista reaccionária, Lênine defendeu o materialismo filosófico marxista. Desenvolvendo as suas teses fundamentais, Lênine deu uma definição da matéria que é a síntese de toda a história da luta do materialismo contra o idealismo e a metafísica e das novas descobertas das ciências da natureza. «A matéria – escrevia Lênine – é uma categoria filosófica para designar a realidade objectiva, que é dada ao homem nas suas sensações, que é copiada, fotografada, reflectida pelas nossas sensações, existindo independentemente delas» (na presente edição, p. 97). Lênine analisa a matéria em ligação indissolúvel com o movimento, e sublinha que a realidade objectiva é precisamente a matéria em movimento.

O grande mérito de Lênine consiste em que, na luta contra o idealismo subjectivo e o agnosticismo, desenvolveu em todos os aspectos a teoria marxista da cognoscibilidade do mundo, a teoria do reflexo. Lênine defendeu a concepção materialista do psíquico, da consciência, como produto superior da matéria, como função do cérebro humano, e sublinhou que o pensamento, a consciência, é reflexo do mundo exterior. Deu uma definição notável da sensação como imagem subjectiva do mundo objectivo e submeteu à crítica a teoria agnóstica dos símbolos, ou hieróglifos, segundo a qual as sensações são apenas sinais convencionais e não imagens dos objectos reais. Esta teoria é propalada também nos nossos dias pelos representantes de diferentes tendências da filosofia burguesa contemporânea, e a sua crítica por Lênine tem um significado actual.

Lênine analisou o complexo processo dialéctico do conhecimento e mostrou que a dialéctica é precisamente a teoria do conhecimento do marxismo. A esta importantíssima tese, formulada por Lênine mais tarde, em 1914-1915, na obra *Karl Marx* e nos *Cadernos Filosóficos*, conduz todo o curso do raciocínio de Lênine sobre a essência da teoria marxista do conhecimento exposto no livro *Materialismo e Empirio criticismo*. «Na teoria do conhecimento, como em todos os outros domínios da ciência – escreveu Lênine –, deve-se raciocinar dialecticamente, isto é, não supor o nosso conhecimento acabado e imutável, mas analisar de que modo da *ignorância* nasce o *conhecimento*, de que modo o conhecimento incompleto, impreciso, se torna mais completo e mais preciso» (pp. 77-78). A análise da doutrina da verdade feita na obra *Materialismo e Empirio criticismo* representa um exemplo magnífico de aplicação

---

(\*\*) *Machistas*: seguidores da teoria de Mach. (N. Ed.)

da dialéctica à investigação do processo do conhecimento humano. Lénine define a verdade como um processo complexo e contraditório de desenvolvimento do conhecimento e analisa-o em dois aspectos: em oposição a diversas formas de idealismo subjectivo e de agnosticismo, sublinha o carácter objectivo e a independência em relação ao sujeito do conteúdo dos nossos conhecimentos; ao mesmo tempo, Lénine assinala que o conhecimento é um processo de desenvolvimento da verdade relativa no sentido da verdade absoluta, opondo desta maneira a doutrina materialista dialéctica da verdade tanto ao relativismo como à metafísica. « [ . . . ] O pensamento humano – escreveu Lénine – é, pela sua natureza, capaz de nos dar, e dá, a verdade absoluta, que se compõe da soma de verdades relativas. Cada degrau no desenvolvimento da ciência acrescenta novos grãos a esta soma de verdade absoluta, mas os limites da verdade de cada tese científica são relativos, sendo ora alargados ora restringidos à medida que cresce o conhecimento» (p. 101).

Lénine descobriu o significado da prática no processo do conhecimento como critério da verdade e mostrou que o ponto de vista da vida, da prática, deve ser o primeiro e o fundamental na teoria do conhecimento e que ele conduz inevitavelmente ao materialismo. Todo o conteúdo do livro *Materialismo e Empiriocriticismo* é uma profunda fundamentação da possibilidade do conhecimento objectivo das leis da natureza e da sociedade, e está imbuído de confiança no poder e na força da razão humana.

Em fins do século XIX e início do século XX, começou nas ciências da natureza uma verdadeira revolução: foram descobertos os raios X (1895), o fenómeno da radioactividade (1896), o electrão (1897), no estudo das propriedades do qual se verificou que a sua massa varia na dependência da velocidade, o rádio (1898), etc. O desenvolvimento da ciência mostrou o carácter limitado do quadro físico do mundo até então existente. Começou a rever-se toda uma série de conceitos elaborados pela física clássica anterior, cujos representantes adoptavam, em regra, as posições do materialismo espontâneo, inconsciente, e muitas vezes metafísico, do ponto de vista do qual as novas descobertas físicas pareciam inexplicáveis. A física clássica partia da identificação metafísica da matéria como categoria filosófica com determinadas noções sobre a sua estrutura. Quando estas noções mudaram radicalmente, os filósofos idealistas, e também certos físicos, começaram a falar do «desaparecimento» da matéria, a demonstrar a «inconsistência» do materialismo, a negar o significado objectivo das teorias científicas, a ver o objectivo da ciência apenas na descrição dos fenómenos, etc.

Lénine mostrou que a possibilidade da interpretação idealista das descobertas científicas está já contida no próprio processo do conhecimento da realidade objectiva, é gerada pelo próprio progresso da ciência. Assim, a lei da conservação e da transformação da energia foi utilizada por W. Ostwald para fundamentar o «energetismo», para demonstrar o «desaparecimento» da matéria e a sua transformação em energia. A penetração no mais profundo átomo e as tentativas de isolar as suas partes componentes elementares levaram ao crescimento do papel da matemática no desenvolvimento dos conhecimentos físicos, o que era em si mesmo um fenómeno positivo. Mas a matematização da física, e também o princípio do relativismo, da relatividade dos nossos conhecimentos no período da mudança radical do quadro físico do mundo, contribuíram para o surgimento da crise da física e foram

as fontes gnosiológicas do idealismo «físico». «A *essência* da crise da física contemporânea – escreveu Lénine – consiste na destruição das velhas leis e princípios fundamentais, na rejeição da realidade objectiva fora da consciência, isto é, na substituição do materialismo pelo idealismo e pelo agnosticismo» (pp. 195-196).

Na realidade, as novas descobertas da física, como mostrou Lénine, não só não refutaram, mas, pelo contrário, confirmaram o materialismo dialéctico, ao qual conduzia todo o desenvolvimento das ciências da natureza.

No livro *Materialismo e Empirio criticismo* procede-se à síntese filosófica das novas descobertas das ciências da natureza, que Lénine abordou como filósofo, armado com o método mais progressivo do pensamento, método que precisamente faltava aos especialistas da Física. Este método é a dialéctica materialista; somente nas suas categorias pode ser correctamente reflectida a dialéctica objectiva da natureza. Este método, em oposição à metafísica e ao relativismo, insiste, segundo dizia Lénine, no carácter aproximativo, relativo, dos nossos conhecimentos acerca da estrutura e das propriedades da matéria, na ausência de fronteiras absolutas na natureza, na passagem da matéria em movimento de um estado a outro, etc.

Partindo da dialéctica materialista, Lénine formulou a tese do carácter inesgotável da matéria. «O electrão – escreveu – é tão *inesgotável* como o átomo, a natureza é infinita, mas ela *existe* infinitamente, e este reconhecimento, o único categórico, o único incondicional, da sua *existência* fora da consciência e da sensação do homem, é que distingue o materialismo dialéctico do agnosticismo relativista e do idealismo» (p. 199). Este pensamento de Lénine, notavelmente profundo, foi confirmado por todo o desenvolvimento ulterior da ciência (a descoberta da radioactividade artificial e da estrutura complexa do núcleo atómico, a moderna teoria das partículas «elementares», etc.).

No seu livro, Lénine demonstrou a unidade indissolúvel do materialismo dialéctico e histórico, desenvolveu as teses fundamentais do materialismo histórico, em primeiro lugar a tese do papel determinante do ser social em relação à consciência social. Lénine contrapôs o materialismo histórico à teoria idealista de Bogdánov sobre a identidade do ser e da consciência, assim como às tentativas anticientíficas dos machistas de substituir as leis específicas do desenvolvimento social pela «energética social», pelas leis biológicas, etc.

Lénine desmascarou no seu livro o fictício apartidarismo da filosofia burguesa, encoberto com artificios terminológicos e uma escolástica «erudita». Mostrou que o desenvolvimento da filosofia, numa sociedade de classes antagónicas, se manifesta inevitavelmente na luta entre duas tendências filosóficas fundamentais – o materialismo e o idealismo – que expressam, em regra, respectivamente os interesses das classes progressistas e das reaccionárias. Revelando o carácter anticientífico do idealismo, Lénine opõe-lhe a tradição filosófica materialista (de Demócrito a Feuerbach e Tchernichévski), que teve o seu desenvolvimento mais alto na filosofia marxista. Lénine encara a história da filosofia como a luta das «tendências ou linhas de Platão e Demócrito», e sublinha que a filosofia moderna é tão partidarista como há dois mil anos atrás.

O livro de Lénine é um guia necessário para a luta contra a filosofia e a sociologia burguesas contemporâneas; desmascara os processos e métodos fundamentais da «crítica» do marxismo pelos ideólogos da burguesia reaccionária: a

substituição das leis que regem o desenvolvimento social por «factores» biológicos, psicológicos e outros, a tendência para falsificar o marxismo sob o pretexto de o «desenvolver», etc.

Lénine demonstrou, e o desenvolvimento ulterior das ciências da natureza confirmou, que o materialismo dialéctico é a única filosofia verdadeira das ciências da natureza, é o método de pensamento mais consequente e científico. Esta obra de Lénine ajudou muitos cientistas progressistas a encontrar o caminho correcto nos seus domínios de conhecimento, a romper com a filosofia idealista e a passar para as posições da concepção científica, materialista dialéctica, do mundo. A profunda síntese filosófica dos avanços das ciências da natureza feita por Lénine, a sua caracterização da crise da física e a determinação da saída desta crise têm grande importância para a luta contra a falsificação idealista contemporânea das descobertas científicas e pela vitória do materialismo dialéctico nas ciências da natureza.

---

Esta «**Nota dos Editores**» abre a edição em língua portuguesa de *Materialismo e Empiriocriticismo (Notas Críticas sobre Uma Filosofia Reaccionária)*, publicada em 1982, conjuntamente pela Editorial «Avante!», de Lisboa, e pelas Edições Progresso, de Moscovo